

A CONSTRUÇÃO DO MUNDO HUMANO PELOS JOGOS DE LINGUAGEM: DA LÓGICA À PRAGMÁTICA WITTGENSTEINIANA

THE CONSTRUCTION OF THE HUMAN WORLD THROUGH LANGUAGE GAMES: FROM THE LOGIC TO PRAGMATIC WITTGENSTEINIAN

José Roney de Freitas Machado*

INTRODUÇÃO

O mundo é uma ficção. Nossa relação com ele é sempre mediatizada por processos sensoriais, perceptivos e cognitivos. Não temos acesso ao mundo em sua concretude e “empiricidade” de um em-si. O mundo acontece em nossa mente enquanto representação, imagem ou fenômeno.

Em uma perspectiva epistêmica e idealista, Descartes e Kant chegaram a esta mesma conclusão. Segundo ambos, haveria um *aparactus cognitivus* por parte do sujeito que seria a condição de possibilidade para a existência do mundo fenomênico. Em outras palavras, o sujeito mesmo edificaria o mundo a partir de esquemas lógicas transcendentais inatas que Descartes denomina o *cogito* (o eu penso); e Kant, as formas de conhecimento *apriori* (a cognição).

Não obstante, é possível que este e aquele tenham se equivocado ao considerarem que, em última instância, o sujeito possa existir sem o objeto e, por isso, haverem preterido o duplo movimento que envolve o processo de construção simbólica do real, no qual o sujeito, ao mesmo tempo em que condiciona e objetiva a realidade, é muito mais condicionado e objetivado por ela. Nesse sentido, a proposta fenomenológica de Husserl trabalharia mais satisfatoriamente a questão ao postular que não exista sujeito sem objeto, bem como ao conceber que a consciência é sempre consciência de algo que se constitui na mente, na medida em que o sujeito estabelece uma relação com o mundo exterior.

* Graduado em Filosofia e graduando em Teologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA). E-mail: ney1726@gmail.com.

Desde a virada linguística operada no século XX, o filósofo Ludwig Wittgenstein também intuiu que, de algum modo, o mundo fosse uma ficção, uma construção do sujeito, porém ele vislumbrou tal possibilidade na perspectiva da linguagem. Ainda assim, tal ideia só povoou de fato sua mente no momento subsequente ao seu primeiro trabalho filosófico denominado *Tractatus-Logico-Filosoficus*, no qual sua concepção de linguagem se encontra por demais influenciada pelo positivismo lógico.

Portanto, o intento deste trabalho é perfazer o caminho que compreende os dois distintos momentos do pensamento wittgensteiniano: o da Filosofia da Linguagem Ideal (lógica) e o da Filosofia da Linguagem Ordinária, bem como explicitar o conceito de jogos de linguagem e verificar como é possível aos sujeitos linguísticos construir o mundo da vida (cultural) a partir desse instrumental humano constitutivo.

1 DA LÓGICA À PRAGMÁTICA DA LINGUAGEM

Na ótica do *Tractatus*, Wittgenstein toma o mundo como sendo um emaranhado de fatos lógicos inalteráveis (estados de coisas, ligações de objetos), e a linguagem como uma entidade fixa capaz de exprimir fidedignamente todas essas coisas, todos esses objetos, tal qual um espelho ou uma pintura podem refletir e representar a realidade. Aqui, a linguagem nos daria uma única imagem de mundo possível, e o pensador entende que aquela se articula a partir de proposições formadas de nomes que possuem rígidas possibilidades sintáticas que espelham as possibilidades de combinação dos objetos da realidade; isto é, haveria um conjunto de nomes que corresponderiam a uma certa multiplicidade de objetos que está dada para sempre no mundo: “Os objetos tractarianos, [...] sendo eternos, asseguram a linguagem contra a ameaça da perda de referência [...] Sendo imutáveis, eles previnem contra a mudança arbitrária de significado. Sendo simples, eles providenciam o ponto final da análise.” (FOGELIN, 1997, p. 41, tradução nossa).

Nessa perspectiva, o filósofo faz pressupor que o mundo e a linguagem possuem uma instância comum em suas estruturas lógicas, razão pela qual a linguagem seria capaz de representar, refletir, ou figurar o real num paralelismo perfeito com os fatos atômicos, com o conjunto de coisas e objetos. A esse elemento comum, a esse ponto de congruência que atesta o isomorfismo entre a linguagem e a realidade, a essa condição última de possibilidade para que se opere a atividade representativa Wittgenstein denominou forma lógica.

Para que pensemos e falemos do mundo deve haver algo em comum entre a linguagem e o mundo. O elemento comum deve estar em suas estruturas. Podemos conhecer a estrutura de um deles se conhecemos a do outro. Já que a lógica nos revela a estrutura da linguagem, deve nos revelar também a estrutura do mundo. (FANN, 1999, p. 24).

Por conseguinte, o significado das palavras seria exatamente aquilo a que elas se referissem, e não se poderia ir além disso. Assim, os limites da linguagem acabam por se tornar os limites do mundo, mundo este que, segundo Wittgenstein, só seria possível na medida em que pudesse ser expresso linguisticamente. Destarte, tudo o que fugisse da lógica referencial entre mundo e linguagem não poderia ser dito, logo deveria ser calado (não há mundo que possa ser dito para além dos fatos lógicos, para além do que afeta a nossa sensibilidade). Essa necessidade de se calar diante do indizível, do incomunicável, o filósofo a expressa da seguinte maneira no *Tractatus*:

Minhas proposições se elucidam do seguinte modo: quem me entende por fim as reconhecerá como absurdas, quando graças a elas — por elas — tiver escalado para além delas. (É preciso por assim dizer jogar fora a escada depois de ter subido por ela.) Deve-se vencer essas proposições para ver o mundo corretamente... O que não se pode falar deve-se calar. (WITTGENSTEIN, 1968, p. 129).

Foi assim que, coerente com suas advertências, Wittgenstein encerrou o seu primeiro momento filosófico: num absoluto e pretensioso silêncio. Absoluto porque ele não foi capaz de dizer algo mais clarividente acerca da predita condição de possibilidade para a figuração perfeita do mundo por parte da linguagem; ele não se mostrou apto a explicitar sua noção de forma lógica. Depois, pretensioso pelo fato de que, por meio de seu *Tractatus-Logico-Filosoficus*, ele pensou haver resolvido todos os problemas da filosofia que, no seu entendimento, tinham sua gênese no uso inadequado da linguagem; razão pela qual considerou muitos deles como sendo pseudoproblemas.

Tal posição rendeu a Wittgenstein inúmeras críticas por parte de alguns filósofos da linguagem, tais como Carnap e Ramsey. Isso porque eles acreditavam que Wittgenstein havia incorrido em uma contradição ao fazer menção àquilo que não se pode pronunciar (o indizível) e sobre o qual deve-se guardar o devido silêncio, ao mesmo tempo em que pretendeu escrever um tratado contendo os pressupostos lógicos para a analiticidade linguística.

Não obstante, o próprio Wittgenstein parece ter percebido o caráter provisório de seu trabalho, tanto que, após um longo período longe dos âmbitos acadêmicos e das discussões

filosóficas, retomou suas pesquisas acerca da linguagem em uma direção completamente diferente da que se encontrava no *Tractatus*. Como quem havia se dado conta de seus próprios equívocos, ele pôs-se a rever seus pressupostos teóricos e a reformular suas noções fundamentais sobre a linguagem, no intuito de corrigir a concepção demasiado reducionista de outrora. Foi então que, abandonando as doutrinas acerca da forma lógica, Wittgenstein se desviou dramaticamente para as ações das pessoas, bem como para o papel que as atividades linguísticas lhes possibilitavam desempenhar em suas vidas.

Na sequência (como que num *insight*), ao estabelecer uma analogia entre a linguagem e o jogo de xadrez, o filósofo percebeu que, tal qual o jogo, a linguagem possui características próprias, especificidades, normas que possibilitam sua compreensão dentro de um determinado ambiente linguístico. Ora, pois, a relação entre aquilo que nomeia e o que é nomeado estaria perpassada por regras (regras da gramática, isto é, regras semanticamente relevantes para o uso da linguagem em cada ambiente cultural), de modo tal que o significado daquilo que se diz só poderia ser apreendido dentro do contexto em que tais regras operassem; “As palavras, diz Wittgenstein, só adquirem significado no fluxo da vida; o signo, considerado separadamente de suas aplicações, parece morto; é no uso que ele ganha seu sopro vital.” (COSTA, 1992, p. 63).

Daí por diante, Wittgenstein rompe com a ideia de linguagem como mediação e passa a concebê-la como sendo parte da totalidade humana, entendendo que ela abre para inúmeras possibilidades de construção. A todas essas possíveis construções, que podem se traduzir tanto em expressões e palavras, quanto em atos e comportamentos, é que Wittgenstein vai chamar de jogos de linguagem. Nestes, cabe ao próprio sujeito elucidar o significado da palavra, isto é, dá-se o sentido de um termo mediante o seu uso efetivo na linguagem, não mais a partir de estruturas lógicas fixas.

Disso decorre que o mundo não mais seja considerado um conjunto de fatos lógicos encadeados no tempo e no espaço, mas sim uma construção operada por meio dos metafóricos jogos de linguagem que, segundo o próprio Wittgenstein, implicam um “modo de vida”, uma maneira de ser, agir e compreender, sob várias figuras e imagens, porque a linguagem é em sua rasura um mesmo e um múltiplo.

Essa nova doutrina sobre a linguagem, Wittgenstein a desenvolveu naquela que foi considerada sua principal obra: *Investigações filosóficas* (1953).

2 OS JOGOS LINGÜÍSTICOS E A CONSTRUÇÃO DO MUNDO

O objetivo de Wittgenstein ao introduzir a ideia dos jogos de linguagem foi o de libertar o horizonte dos signos para uma compreensão da linguagem em sua pragmática cotidiana, por conseguinte estabelecer os parâmetros para uma análise linguística mais coerente com as práticas e atividades que nela estão imersas.

Neste ínterim é que surge por parte do filósofo a intuição de que o mundo humano seja uma construção linguística. Intuição porque ele não o diz claramente, uma vez que seu enfoque principal é a linguagem como expressão sígnica da atividade humana, não propriamente o conteúdo empírico de suas operações (WITTGENSTEIN, 1979, p. 35). Não obstante, ele acaba por sugerir tal percepção na medida em que afirma que “o termo jogo de linguagem deve aqui salientar que falar da linguagem é parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (p. 18).

Forma de vida seria, pois, a junção entre cultura e linguagem, entre um modo de vida em uma sociedade e os sistemas linguísticos de regras sintáticas, semânticas e pragmáticas que, para além de nomear coisas, regem e dão significado às ações humanas, portanto evidencia uma *práxis*. Aqui, mundo fenomênico, sujeito e linguagem articulam-se enquanto três elementos de uma única realidade, sem, contudo, incorrer-se no restritivo isomorfismo sustentado pelo primeiro Wittgenstein em seu conceito de forma lógica; “se acreditarmos que devemos encontrar aquela ordem, a ideal, na linguagem real, ficaremos insatisfeitos com aquilo que na vida cotidiana se chama frase, palavra, signo” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 52). Portanto, “a ligação é profunda entre gramática e o mundo sem que sejam, todavia isomorfos – como era o caso, contrariamente no *Tractatus*, de isomorfia entre o mundo e a linguagem” (MORENO, 1995, p.16).

Posto isso, a sutileza que se encontra na relação sujeito/objeto dentro da esfera da linguagem é a de que o conteúdo fenômeno diz respeito a um primeiro nível de apreensão e representação, que no momento subsequente é reelaborado por meio de representações outras (simbólicas) de maneira tal que, ao dizer o mundo, o sujeito acaba por dizer a si mesmo, isto é, sua experiência significada de mundo, uma nova realidade decorrente da própria relação mediatizada pela linguagem: “o mundo se constitui a partir da maneira pela qual o homem se relaciona com aquilo que o circunda. Dar nome é atribuir significação; é ato de organização do mundo em relação a mim” (ALVES, 2006, p. 27).

Não obstante, embora Wittgenstein consinta que tais ideias e introspecções acerca do mundo sejam representações ou interpretações “privadas” nas mentes particulares de cada sujeito, no contexto dos jogos linguísticos tais representações só haveriam de ganhar legitimidade na medida em que viessem a se conformar com a forma de vida; isto é, ajustar-se à concordância de respostas linguísticas e naturais por parte de uma comunidade, desembocando na concordância de definições e juízos, portanto, de comportamentos; o filósofo tem claro que a linguagem é um patrimônio cultural ao qual todos os seres humanos têm acesso (crítica ao solipsismo de Descartes).

Na perspectiva wittgensteiniana, a linguagem é uma construção que se dá na relação. Portanto, embora seja inequívoco o fato de que nascemos dentro de um jogo de linguagem qualquer (de uma comunidade), somente *a posteriori* somos incorporados nele como sujeitos linguísticos, seres de cultura, animais falantes e portadores da palavra, pois dele não possuímos uma pré-compreensão, só aprendemos a jogá-lo na medida em que somos instruídos em suas regras básicas por meio de outrem, donde aprendemos o jogo jogando, no ato mesmo de jogar.

Num primeiro momento, esses jogos apareceriam relacionados às práticas de ensino nas quais os signos se encontram nas formas primitivas da linguagem, nos jogos por meio dos quais uma criança começa a utilizar as palavras (WITTGENSTEIN, 1979, p. 11). Não obstante, tais práticas seriam como que uma preparação para a construção de jogos de linguagem mais elaborados. Com o suceder dos processos “linguístico-instrucionais”, atos da fala, tais como mandar, comandar, descrever um objeto, relatar um acontecimento ou nomear coisas seriam acrescidos de atividades mais complexas, tais como: mentir, relatar sonhos, formar hipóteses, incluindo também modos de discurso como fazer previsões, atribuir cores a objetos, assim por diante. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 79-80; 92-95; 118-163).

Doravante, Wittgenstein considera que exista uma multiplicidade de jogos de linguagem, diversas maneiras de se empregar as palavras. Não haveria, pois, um traço único que viesse a definir o que todos os jogos de linguagem têm em comum, isto é, não existiria uma essência fixa que pudesse abarcar a totalidade da linguagem.

Pois poderiam objetar-me: Você simplifica tudo! Você fala de todas as espécies de jogos de linguagem possíveis, mas em nenhum momento disse o que é o essencial do jogo de linguagem..., ...digo que não há uma coisa comum a esses fenômenos, em virtude da qual empregamos para todos a mesma palavra. (WITTGENSTEIN, 1979, p. 38).

Disso decorre que os jogos de linguagem sejam autônomos, por conseguinte jogados de acordo com regras de uso convencionadas dentro de cada contexto (WITTGENSTEIN, 1979, p. 52). Por meio da operação desses variados jogos é que o mundo humano, processualmente, constituir-se-ia, subdividindo-se em uma série de pequenos mundos, parcelas de mundo, territórios linguísticos por assim dizer, nos quais se originam os profusos modos de vida com toda a riqueza de suas especificidades. Esses modos de vida se expressam, pois, nas múltiplas organizações sociais, bem como nas diversas estruturas políticas e econômicas e, sobretudo, nas pluriversas modalidades culturais vigentes e emergentes dentro desses *microcosmoi* linguísticos.

Cada um desses referidos espaços de atuação humana, por sua vez, jogaria o seu jogo linguístico característico, de modo tal a probabilizar aos seus se fazerem “iguais” dentro de um coletivo, ao mesmo tempo em que diferentes em relação a outras formas de agremiação e a outros *ethos*. Dentro desses *loci* linguísticos, portanto, é que a vida acontece em sua concretude. Neles se operam os jogos que estabelecem as normativas, as redes conectivas entre as inúmeras subjetividades, tornando possíveis as interpessoalidades que, por sua vez, culminam no modo de vida propriamente dito.

CONCLUSÃO

A pragmática wittgensteiniana sofreu algumas objeções por parte de certos intelectuais que a interpretaram como sendo uma teoria relativista e por demais simplista. Acerca disso, vale reputar que, no primeiro caso, Wittgenstein pretendia realizar observações gramaticais que servissem de lembrete acerca de como as palavras são usadas na prática (GLOCK, 1998, p. 176), não prescrever algum tipo de juízo de valor quanto às práticas humanas, tampouco nivelar pretensos irracionalismos instrumentais (linguagens mitológicas, populares) às proposições verificáveis da ciência. No segundo, por sua vez, o filósofo tende a descomplexificar porque, em última análise, é exatamente assim que a linguagem funciona, na simplicidade e arbitrariedade de suas regras semânticas, donde temos que “o aceito, o dado – poder-se-ia dizer – são formas de vida.” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 218); e, ainda, “se esgotei as justificações, então atingi a rocha dura e minha pá entortou. Estou então inclinado a dizer: ‘é assim que ajo’” (p. 91). Portanto, tais acusações não procedem, ou, se procedem, carecem de melhor fundamentação.

A linguagem, porque se nos é constitutiva, sempre haverá de nos propor novas tramas e cenários nos quais o fascinante jogo da vida se desenrolará. Ela sempre nos guarnecerá do instrumental necessário para construirmos, desconstruirmos e reconstruirmos humanamente o nosso mundo. À vista disso, há que se reconhecer que o primeiro Wittgenstein realmente havia se equivocado, o pretense indizível (fenomênico ou metafísico) só o é enquanto não somos capazes de usar nossa criatividade e imaginação para dizê-lo, ou melhor, para criá-lo, uma vez que, ao denotar, a linguagem opera uma refração: diz; não diz; e diz mais que o pretendido (não captura o real em sua essência); conseqüentemente, faz sugerir uma multiplicidade de realidades e situações possíveis.

Com efeito, Wittgenstein postulou, tanto na linguagem, quanto na vida, um sentido que, *a priori*, jamais existiu; e isso, os jogos de linguagem o fizeram revelar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O suspiro dos oprimidos**. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

BUCHHOLZ, Kai. **Compreender Wittgenstein**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Compreender).

COSTA, Cláudio Ferreira. **Filosofia analítica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992. (Diagrama, 21).

FANN, K. T. **El Concepto de Filosofía e Wittgenstein**. Madri: Editorial Tecnos, 1999.

FOGELIN, Robert. J. Wittgenstein's Critique of Philosophy. In: SLUGA, H. D.; STERN, D. G. (Org.). **The Cambridge Companion the Wittgenstein**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Dicionários de Filósofos).

GRAYLING, A.C. **Wittgenstein**. São Paulo: Loyola, 2002. (Mestres do pensar).

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**: introdução e tradução de Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. (Filosofia, 41).

KANT, Emmanuel. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

MORENO, Arley R. **Wittgenstein através das imagens**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1995. (Repertórios).

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores).

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução José Carlos Bruni. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logico-philosoficus**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1968.